



SEÇÃO: ARTIGOS

O pioneirismo do jornal bageense *A evolução* para a mobilização operária e anarquista no interior do RS

The pioneering of the journal bageense A evolução for workers and anarchist mobilization in the interior of RS

Marcelo Pimenta e

Silva¹

orcid.org/0000-0001-7416-4276
marcelopimentaesilva@gmail.com

Recebido em: 20 jul. 2021.

Aprovado em: 5 nov. 2021.

Publicado em: 9 mar. 2022.

Resumo: Este trabalho de pesquisa analisa o jornal *A Evolução*, impresso do começo do século XX, na cidade de Bagé, no Rio Grande do Sul, e que tinha como enfoque a divulgação de preceitos e ideias vinculadas ao anarquismo e do movimento operário. A folha é considerada uma das mais antigas com esse propósito publicado na cidade de fronteira do Brasil com o Uruguai. No trabalho, busca-se traçar uma trajetória da imprensa e da movimentação anarquista e operária no Rio Grande do Sul e na cidade de Bagé, que foi um dos polos dessa movimentação nas primeiras décadas do século XX. Para tanto, destacam-se trechos dos textos publicados na primeira edição do jornal. Também será feita uma análise comparativa desse pioneiro impresso com outros jornais posteriores ao *A Evolução*, como o *A Defesa*, de proposta editorial anarquista, e o *A Dor Humana*, veículo que funcionava como informativo da União Geral dos Trabalhadores, mas que também adotava em sua proposta informativa a divulgação de ideais do movimento. Dessa forma, este artigo busca ressaltar a vanguarda de tais ideias político-sociais em uma cidade de forte vínculo histórico a ideais conservadores.

Palavras-chave: Anarquismo. Movimento operário. Imprensa.

Abstract: This research work analyzes the newspaper *A Evolução*, printed from the beginning of the 20th century, in the city of Bagé, in Rio Grande do Sul, and which focused on the dissemination of precepts and ideas linked to anarchism and the labor movement. The sheet is considered one of the oldest published for this purpose in the border city of Brazil with Uruguay. The work seeks to trace the trajectory of the press and the anarchist and workers movement in Rio Grande do Sul and in the city of Bagé, which was one of the poles of this movement in the first decades of the 20th century. Therefore, excerpts from the texts published in the first edition of this sheet are highlighted. A comparative analysis will also be made of this pioneer printed with other newspapers after *A Evolução*, published in later years, such as *A Defesa*, this one with an anarchist editorial proposal and *A Dor Humana*, a vehicle that served as an informative of the União Geral dos Trabalhadores, but which also adopted in its informative proposal, the dissemination of ideals of this movement. Thus, this article seeks to highlight the vanguard of such social-political ideas in a city with a strong historical link to conservative ideals.

Keywords: Anarchism. Labor movement. Press.

Introdução

Em um período posterior à recente Proclamação da República brasileira (1889), muitos jornais foram produzidos para divulgar ideais de correntes como o socialismo e o anarquismo que era difundidas no Rio Grande do Sul em folhas menores em termos de circulação e restrita a setores da sociedade como a do operariado. Esses impressos serviam para divulgar



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade da Região da Campanha (Urcamp), Bagé, RS, Brasil.

ideais trazidos da Europa por imigrantes, em sua maioria italianos, que já defendiam pressupostos do anarquismo e do sindicalismo, tendo como instrumentos para conscientização dos trabalhadores brasileiros e da sociedade da época, os periódicos de propaganda (CARDOSO, 2019).

Então, o objetivo desse trabalho, está em destacar e evidenciar a importância de algumas dessas folhas produzidas sob a égide operária ou anarquista na cidade de Bagé, no interior do Rio Grande do Sul. Assim como outras cidades do estado sulista, naquele contexto do começo do século XX, Bagé conviverá com comunidades com interesses políticos distintos em sua sociedade. Por um lado, apresenta-se como uma pequena cidade do interior gaúcho, com forte vocação agropastoril e de pecuária expressiva e arraigada em tradições católicas e com amplo vínculo à presença militar, devido à sua localização geográfica, de fronteira com o Uruguai, a chamada "Rainha da Fronteira". Por outro, será, também, um dos expoentes do movimento operário e anarquista daqueles primeiros anos do século passado no estado. Loner (2011) destaca que cidades como Uruguiana e Bagé eram, por exemplo, na década de 1920, os locais com os núcleos anarquistas mais expressivos do estado, muito em função de serem áreas de fronteira próximas à Argentina e ao Uruguai e as condições de trabalho estarem em um processo menos evoluído de industrialização, tendo esses núcleos atuação mais vinculada à imprensa ou em associações de livre pensamento. "[...] com Bagé recebendo a sede da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS), em 1927, devido à consistência de sua nucleação" (LONER, 2011, p. 185).

No entanto, cabe ressaltar que, a utilização da imprensa como instrumento estratégico para divulgar as ideias e reivindicações do movimento anarquista, bem como de mobilizar o operariado, foi adotada por grande parte dos núcleos no Rio Grande do Sul e Brasil, sendo a tônica das ações dos entusiastas do anarquismo.

[...] A produção de jornais é uma das características marcantes do movimento operário em geral. Segundo Jorge Pastorisa Jardim os primeiros jornais operários e contestadores

do sistema capitalista no Rio Grande do Sul foram "O Operário", em Pelotas, e "L'Avvenire", em Porto Alegre. Durante o Primeiro Congresso Operário do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre - em 1898, circulavam no Estado dois jornais operários, o "Echo Operário", de Rio Grande, e "Social", de Alegrete (CORRÉA, 2016, p. 54).

Dessa forma, o presente artigo pretende ressaltar alguns dos impressos publicados no município dos primeiros anos do século XX, tendo como destaque principal o mais antigo que foi encontrado em Bagé e que tem como proposta ideológica a defesa dos ideais anarquistas, sendo este o *A Evolução*. Contudo, para fins de auxílio na análise da linha editorial do *A Evolução*, este artigo também acrescentará para o estudo, verificações já feitas em duas outras publicações de Bagé, os jornais *A Defesa* e *A Dor Humana*.

O jornalismo em Bagé no século XIX

Como em muitas outras cidades gaúchas daquele período, as folhas de Bagé na segunda metade do século XIX tinham conteúdo direcionado apenas a interesses políticos.

O conceito que guiava esses jornais era tão somente político. Os textos tinham forte cunho doutrinário, consistindo de matérias opinativas sobre questões públicas, comentários ideológicos e polêmicas com os adversários de publicidade. A linguagem era extremamente virulenta, não poupando ideias, nem pessoas (RÜDIGER, 2003, p. 21).

Esses impressos, em sua maioria, por mais que tivessem uma motivação política para serem criados, não pertenciam a lideranças partidárias, mas, sim, a donos de tipografias que defendiam tais ideias e faziam de seu negócio uma atividade "nômade", pois migravam de locais, com suas oficinas, para colocarem nas ruas, sua doutrinação. Com o fim da monarquia e a ascensão da República, o jornalismo passa a ser associado aos "órgãos partidários". Ou seja, cada folha era a voz, definitiva de partidos políticos. Nesse contexto, o Rio Grande do Sul vivia uma divisão política que afetava sua sociedade. Eram os republicanos e federalistas que utilizavam as páginas dos jornais para travarem batalhas ideológicas. Esse panorama, mesmo após o fim dos embates, pros-

seguiu visto que, por exemplo, em Bagé, havia em circulação o jornal *O Dever*, órgão do partido republicano e, como contraponto, a principal folha oposicionista: o *Correio do Sul*, este mantido sob a égide federalista (RÜDIGER, 2003).

Reordenamento da sociedade e do trabalho

O final do século XIX apresenta um reordenamento do indivíduo em relação ao trabalho. É quando o trabalhador começa a ter uma dependência da máquina para a realização de suas ações laborais. Ao mesmo tempo em que a sociedade sofre uma transformação, principalmente no interior do estado, com o advento da mecanização, a própria função do homem, enquanto trabalhador passa a ter uma alteração, pois seu desempenho está dividido por especificidades perante uma linha de produção.

Conforme Brignol e Silva (2011) esse cenário social apresentava um universo em que a divisão de trabalho buscava uma mão de obra que envolvia cada vez mais pessoas; indivíduos presentes em distintos setores sociais, mas, que por intermédio da industrialização, tornaram-se unidos num universo próprio: o da fábrica.

Os autores citam Pesavento (1998), que salientava, ao exemplificar a situação de empresas como a Rheingantz no estado. Essa empresa mantinha cerca de 200 pessoas reunidas a trabalhadores vindos do exterior, assim como presos; órfãos do asilo da cidade de Rio Grande, entre outros. No entanto, o que poderia ser considerada uma nova configuração de possibilidades de vida para esses indivíduos, traduzia-se na mais forte exploração de mão de obra, o que começou a gerar o descontentamento dos operários ali empregados, devido a sua condição análoga à escravidão (PESAVENTO, 1998).

A perda da autonomia do trabalhador para o atendimento imediato das necessidades da fábrica, servindo para a manutenção do capital sobre o social, representa a figura correlata de que a empresa significava, neste caso, algo a uma prisão ou asilo, todos unidos como sustentáculos de um poder disciplinador da própria sociedade.

E tal desenho da nova sociedade, em que cidades começavam a deixar sua dependência e vocação para a produção primária para o desenvolvimento de uma vida comunitária urbana, também apresentaria uma severa alteração no modo desses indivíduos lidarem com sua atuação no meio em que viviam.

Conforme Pesavento (1998), as fábricas se disseminaram tendo como suporte o apoio do Partido Republicano que pela ótica burguesa enxergava tal expansão como sinônimo de progresso social. No entanto, segundo a autora, o Estado, sob a nascente gestão republicana, não determinara os caminhos necessários para esse reordenamento da sociedade, agora com as fábricas incorporadas às cidades; muito pelo contrário: estimulava tal expansão, de qualquer empreendimento, sem importar com as condições de trabalho dos funcionários. Esse modelo de progresso econômico acabou por potencializar o capital para os proprietários das empresas aumentando também a exploração de cada trabalhador.

Batalha (1997) argumenta que o advento da República gerou na sociedade brasileira uma expectativa do surgimento de um novo tempo com a conquista de direitos sociais para os trabalhadores. Contudo, como aponta Corrêa (2008), nesses primeiros anos da República, as concepções de cidadania desenvolvidas nem sempre eram compatíveis entre si. A elite civil republicana, o segmento mais favorecido com o novo modelo de governo brasileiro, acabou por criar obstáculos para a democratização plena da sociedade. Já a corrente do positivismo, difundia a busca da ampliação dos direitos sociais, contudo negava os meios de ação política para obtê-los. Os socialistas democráticos propunham a ampliação dos direitos políticos e sociais, mas dentro das premissas liberais.

No extremo desse cenário, os anarquistas repudiavam a ordem da chamada grande política.

Batalha (1997) complementa tal assertiva detalhando estes três eixos: um deles, tomando por fundamento o modelo positivista de Comte, tão em voga naquele período, em que trabalhadores vinculados a sindicatos e de caráter reformista,

e aos ligados a cooperativas, buscaram junto ao sistema público vigente naqueles anos, a obtenção de seus direitos; outro eixo, composto por socialistas e setores mais politizados do sindicalismo reformista discutiram a conquista de direitos sociais articulados aos direitos políticos, com vistas à transformação do próprio sistema de governo pela política; por fim, o terceiro eixo, em que anarquistas e sindicalistas revolucionários passaram a defender uma negação à política institucional, tomando uma postura de ações diretas e táticas para que seus objetivos fossem alcançados. Esta última corrente tinha como interesse maior a emancipação dos trabalhadores, a partir de uma luta econômica sindical em torno das condições da remuneração do trabalho, adotando para isso, medidas grevistas. O fato é que esse grupo de trabalhadores não acreditava que conseguiriam tais mudanças a partir de eleições e medidas via parlamento. A historiadora Edilene Toledo (2004) enfatiza que o sindicalismo revolucionário, mais do que as outras correntes, defendia como bandeira a concepção do poder revolucionário dos trabalhadores emancipados. Ou seja, na efetivação da emancipação desses profissionais para que se autoadministrassem de forma coletiva.

Movimento operário no RS

Em se tratando de Rio Grande do Sul, Corrêa (2016) esclarece que o movimento operário, era formado por assalariados urbanos, pequenos comerciantes, artesãos e o funcionalismo público, de forma inicial, sendo essa uma pequena parcela ainda da sociedade, que no estado era majoritariamente agrária. É na transição dos séculos 19 para 20, que o movimento operário gaúcho começa a transferir suas ideias para as doutrinas da social-democracia e as de cunho anarquista. Segundo Corrêa (2016), dos anos de 1898 até 1906, há uma expressiva influência de ideias socialistas originárias da social-democracia da Europa e de outras origens como o positivismo e o darwinismo. Com isso surgem, segundo o autor, um Partido Socialista e um Partido Operário. Após a greve dos 21 dias, em 1906, surge a Federação Operária do

Rio Grande do Sul, a Forgs, que passa, a sofrer uma crescente influência dos ideais anarquistas.

Corrêa (2008) detalha que, alguns fatos fizeram com que ocorresse uma convergência de posicionamentos dos socialistas com os republicanos na primeira década do século passado. Isso se dá, conforme o historiador, quando da renúncia de Xavier da Costa, uma das principais lideranças do movimento operário gaúcho, da presidência da Forgs, após uma derrota do movimento grevista no ano de 1910. Com sua retirada, quem assume é o pedreiro anarquista Luiz Derivi. No ano seguinte, eclode uma greve dos pedreiros na capital do estado. A ação é exitosa porque o presidente do estado, Carlos Barbosa, com apoio de outros prefeitos, negocia diretamente com os trabalhadores. Na pauta vitoriosa, a reivindicação das oito horas diárias de trabalho. Assim, no mesmo ano, a chapa dos integrantes anarquistas vence a dos socialistas, liderando os rumos da Forgs. Em seguida, como descreve Corrêa (2008), os socialistas gaúchos pedem a Borges de Medeiros a condição de se ter um deputado operário. Dessa forma, ocorre um abandono da autonomia política dos operários, tornando Xavier da Costa, conselheiro municipal da capital pelo partido governista Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Também favorecem para esse domínio dos anarquistas na liderança da Forgs, as diversas greves de 1911 que fez com que as elites do Rio Grande do Sul cooptassem os socialistas (SCHIMIDT, 2002, p. 428 apud CORRÊA, 2008, p. 143).

Entre 1906 e a década de 1910, a liderança da FORGS foi exercida pelos socialistas em disputa com os anarquistas que estavam organizados, também, na União Operária Internacional (criada em 1902). A influência das ideias anarquistas vai ser de destaque nos anos um pouco anteriores e posteriores a Primeira Guerra Mundial, incluindo aí as Greves de 1917, 1918 e 1919. A partir de 1923 começa o enfraquecimento da influência anarquista. No final da década de 1920 o movimento operário é disputado por diversas correntes políticas, entre elas os comunistas (que criaram a Confederação Regional do Trabalho – CRT; Bloco Operário Camponês – BOC). Também apareceu a Liga dos Operários Republicanos e os chamados partidos trabalhistas. (LONER: 2007). O Sindicalismo Revolucionário e o Anarco-sindicalismo foram correntes políticas do movimento operário. O Sindicalismo Revolucionário, segundo a

historiografia, teve muita influência no Rio Grande do Sul a partir de 1912. O Sindicalismo Revolucionário não se coloca explicitamente vinculado ao anarquismo. Porém pode-se afirmar que o Sindicalismo Revolucionário é uma estratégia dos anarquistas. Havia anarquistas que defendiam o Sindicalismo Revolucionário e outros que defendiam o Anarco-sindicalismo. A diferença é que o Sindicalismo Revolucionário não exige a filiação a uma ideologia ou a um partido e o Anarco-sindicalismo defende que o sindicato é anarquista. (CORRÊA, 2008, p. 83 apud CORRÊA, 2016, p. 3).

A representação de Bagé para o movimento operário e anarquista do começo do século XX também é destacada pelo historiador pela própria participação de delegações de bageenses nos Congressos Operários gaúchos. No III Congresso Operário Brasileiro, realizado entre 24 e 29 de abril de 1920, no Rio de Janeiro, a representação da Forgs estava presente com delegações de cidades como Bagé, Pelotas e Porto Alegre, onde houve a corroboração de orientações difundidas pelo Sindicalismo Revolucionário dos outros dois congressos, o de 1906 e o de 1913 (CORRÊA, 2016). Já na terceira edição do Congresso Operário do Rio Grande do Sul, realizado em setembro de 1925, inicia uma expansão dos princípios anarco-sindicalista em detrimento do sindicalismo revolucionário. Na ocasião, o representante do movimento anarquista de Bagé, o Reduzindo Colmenero, manifesta-se contrário à ditadura do proletariado, não aceitando o tratamento de "camarada" por parte daqueles que eram favoráveis ao regime da Rússia "[...] da ditadura dos bárbaros senhores de Moscou e seus asseclas, entre outras acusações" (CORRÊA, 2016, p. 12). Já para o quarto Congresso Operário do Rio Grande do Sul, realizado em Pelotas, no ano de 1928, houve um evento preparatório, realizado no ano seguinte, que contou com quatro delegados de Bagé. Nele, foi discutida a transferência da sede da Forgs para a Rainha da Fronteira. O congresso, que aconteceu de 2 a 3 de janeiro, foi analisado pelo historiador como "o mais complicado, confuso e tumultuado dos congressos da Forgs" (CORRÊA, 2016).

Nele ficou nitida a disputa por estratégias distintas dentro do movimento operário. Os anarquistas presentes no Congresso pretendiam mudar de estratégia, cogitando inclu-

sive, abandonar a luta sindical. Os militantes anarquistas ou anarcosindicalistas acabaram se isolando. Em 1928 a Federação Operária do Rio Grande do Sul deixou de ser "operária" e passou a ser anarquista/anarcosindicalista (CORRÊA, 2016, p. 15).

Descrita essa análise das ações realizadas pelo operariado gaúcho que tinha contato e apoiava as ideias anarquistas, faz-se necessário, agora, analisar o posicionamento das folhas produzidas em Bagé, em especial o *A Evolução*.

As folhas anarquistas como fontes de pesquisa

Em 1974, os historiadores Jacques Le Goff e Pierre Nora trouxeram no livro *Faire l'histoire* um novo cenário de pesquisas que traziam a perspectiva de abordar a chamada Nova História. De acordo com Janotti (2012), essa nova perspectiva trouxe uma gama diversa de objetos para a pesquisa acadêmica no campo da História. Se novos objetos de pesquisa permitiram investigações sobre temas do cotidiano, saúde, opinião pública, possibilitou-se, também que novas fontes fossem consultadas. Assim, cartas sobre catástrofes climáticas do passado; caricaturas; jornais; ilustrações; filmes; depoimentos orais; músicas e demais materiais ressaltaram o caráter interdisciplinar para a construção de trabalhos de pesquisa em história.

Dessa forma, nos anos 70 do século passado, a imprensa, antes vista com plena desconfiança pelos pesquisadores em história pela sua caracterização de pouco adequada para a recuperação de elementos do passado, por ser encarada como uma grande enciclopédia do cotidiano com registros fragmentados do presente, realizados sobre influxo de interesses, compromissos e paixões, o que denotava sua semelhança com um espelho de imagens parciais da realidade, construído sob distorções e subjetivismo, passou a ter um novo conceito para os trabalhos acadêmicos. Portanto, frisa-se, neste trabalho, a indicação da historiadora Tânia de Luca (2011), que recupera no texto "História dos, nos e por meio dos periódicos", o grande prestígio na academia brasileira da história do movimento operário do Brasil, principalmente

entre os anos 1970 e 1990.

[...] agora não se tratava mais de lidar com jornais de cunho empresarial, capazes de influenciar a vida política, mas de manejar folhas sem periodicidade ou número de páginas definidas, feitas por não profissionais, mas por militantes abnegados, por vezes redigidas em língua estrangeira, sobretudo italiano e espanhol, impressas em pequenas oficinas, no formato permitido pelo papel e máquinas disponíveis, sem receita publicitária e que, no mais das vezes, contava com subscrição dos próprios leitores para sobreviver [...] (LUCA, 2011, p. 119).

É importante analisar que o impresso é um veículo de comunicação que produz subjetividades a quem o consome. Brignol e Silva (2011) apontam os jornais operários e anarquistas como mecanismos de subjetivação, que criam sentidos acerca do cotidiano e dos problemas enfrentados pelos trabalhadores que o liam. Nas páginas desses impressos, existe uma reafirmação da identidade de classe, dos valores, uma busca por maior politização e conscientização do espaço do trabalhador perante a sociedade daquele período. E para forjar essa consciência, a crítica apontava como inimigos dos trabalhadores, instituições autoritárias, como o Estado e a Igreja (MARQUES, 2012).

Ao se reportar a imprensa escrita como um órgão produtor de uma subjetividade específica, no sentido de que seus meios de expressão se dão através de formulações semióticas, percebe-se a intervenção que o material significativo tem a nível social, ainda que sem mensurar a capacidade de abrangência social do veículo na época. Os conceitos de liberdade e igualdade para os anarquistas, por exemplo, vão estar relacionados com toda a doutrina, assim as representações feitas pelo jornal vão tratar de ideias específicas do movimento, estando incluso neste modelo a educação política que objetiva a conscientização do operário quanto a sua condição desfavorável na sociedade (BRIGNOL; SILVA, 2011, p. 8).

Jovchelovitch (2000) observa, no uso da análise dos jornais, a possibilidade de se identificar em cada um produtor e reproduzidor de símbolos que circulam no meio social. Por isso, pesquisas e trabalhos que abarcam objetos como a imprensa, no caso a escrita, funciona como vasta fonte para análise das representações formadoras de discursos difundidos em um determinado perí-

odo histórico.

Folhas operárias e anarquistas de Bagé

Como Bagé foi uma das principais cidades gaúchas dentro do contexto histórico do movimento operário e anarquista do começo do século 20, muitos impressos foram produzidos por representantes do operariado local. Conforme foram identificados por este pesquisador, em análise de arquivos de jornais, guardados no Museu Dom Diogo de Souza, que é mantido pela Fundação Attila Taborda, vinculada à Universidade da Região da Campanha (Urcamp), há muitos impressos com esta abordagem política e social de cunho anarquista e operária entre os anos de 1902 e 1946 em Bagé. Foram identificados os seguintes títulos de jornais de imprensa libertária e do movimento operário: *A Evolução* – 1902 (anarquista); *A Evolução* – 1907 (jornal operário); *La Notícia* – 1910 (anarquista); *A Defesa* – 1910 (anarquista); *O Trabalho* – 1913 (jornal operário); *O Pharol* (por volta do começo da década de 1910, impresso da chamada "União Operária"); *A Dor Humana* – 1919 (órgão da União Geral dos Trabalhadores, de tendência anarquista); *Solidariedade Obreira* – 1920 (órgão do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil); *Nossa Voz* – 1923 (anarquista); *A Voz Humana* – 1923 (anarquista); *A Revolta* – 1925 (jornal operário); *Tribuna Livre* – 1926 (anarquista); *O Confessado* – 1926 (anticlerical, composto por maçônicos liberais positivistas e por anarquistas); *Emancipação* – 1928 (anarquista); *O Boato* – 1929 (não definido se o seu posicionamento era vinculado ao movimento operário); *Pente Fino* – 1937 (representava quatro sociedades operárias); *Eco Padeiral* – (órgão do Sindicato dos Padeiros) e *Novo Dealbar* – 1946 (anarquista).

Os jornais tinham a função de mobilizar os trabalhadores a adotarem um pensamento crítico, mas também difundir uma consciência sobre a importância do trabalhador naquele contexto. Brignol e Silva (2011) destacam que ideais como a conquista da liberdade desse trabalhador era veiculada como uma forma de quebrar sua condição aos símbolos de opressão, sendo que este indivíduo só seria livre a partir da ausência do

Estado e a necessidade de um visão coletiva do mundo. O jornal *A Defesa* (1910) expõe essa ideia em trecho da edição de número 9, de 13 de outubro de 1910:

[...] Nada poderá produzir resultados práticos em favor da idéia que defendemos, como um bom jornal. Com o poder da imprensa, já quebraram-se às algemas fortes do obscurantismo e da escuridão. A imprensa é o maior fator da nossa cultura intelectual. Representa a fraternidade dos povos, fazendo-nos todos irmãos. O jornal é a boa e pacífica arma de defesa, entra em todas as causas, dissipa todas as idéias, invade todos os centros e pugna por todas as liberdades. Introduce os nossos pensamentos, representa o nosso credo o evangelho do nosso amor. Operários! Ampare o nosso órgão (A DEFESA, 1910).

Com uma proposta de luta pacífica em torno das causas do movimento em Bagé, o jornal *A Defesa* propagava que o impresso serviria como um veículo de união entre os operários do município e que o fomento da educação era estratégia de tomada de consciência na sociedade. Mas para isso, era necessário que se reformasse a educação na sociedade, a fim de que a própria sociedade evoluísse sem mais opressões. Com base nessa argumentação, a edição, do *A Defesa* utiliza artigo da liderança anarquista espanhola Francisco Ferrer. Em trecho publicado na capa era ressaltada a ideia de que:

[...] dois meios de ação se oferecem aos que desejam reformar a educação da infância: trabalhar para a transformação da escola pelo estudo do adolescente afim de provar cientificamente que a organização atual do ensino é defeituosa e adotar melhoras progressivas; ou fundar escolas novas em que se apliquem diretamente princípios encaminhados ao ideal, princípios esses que se formam da sociedade e dos homens, que reprovam os convencionalismos, as crueldades, os artificios e as mentiras que servem de base à sociedade moderna (A DEFESA: 1910, capa).

Por sua vez, quase 10 anos depois, o outro exemplar que trago como comparativo da diversidade de temas e propostas elaboradas por essa imprensa anarquista em Bagé, é a do jornal *A Dor Humana*. O jornal foi fundado em 1919 pela União Geral dos Trabalhadores e demonstra o quanto a década de 1910 foi diversificada em Bagé para

a consolidação de grupos voltados à defesa dos trabalhadores e que cultivavam ideias vinculadas ao anarquismo. Na edição já analisada por este autor ao lado do pesquisador Rafael Brignol, em 2011, e que data de 28 de setembro de 1920, o autodenominado "Porta Voz dos Oprimidos" trazia textos traduzidos de conferências realizadas em Moscou, bem como ressaltava os ideais libertários do movimento que pregavam um reordenamento da sociedade com a destituição da burguesia e do capitalismo. Com uma crítica muito mais ácida e enfática, o impresso identificava como inimigos do povo: a burguesia.

[...] a burguesia cogita por todos os meios implantar entre nós os trabalhadores o seu predomínio iludindo-nos com promessas vãs e irrealizáveis para que sirva-nos de escadaria por qual possamos transpor as culminâncias de poder. [...] O nosso ideal é outro, não visa política e nem existe o domínio do homem pelo homem, nem explorações, o nosso ideal é a igualdade e a liberdade de todos os homens, cuja transformação anunciada pelo novo messias está próximo do seu advento. Portanto, camaradas, não deixei-vos iludir com cantigas de exploradores politiquieiros (A DOR HUMANA: 1920, p. 3).

O *A Dor Humana* também utilizava o próprio espaço não apenas como um instrumento de divulgação das ideias anarquistas ou de críticas à sociedade daquela época, como a encontrada na página 4, onde o texto "Ópio e Morfina", utiliza a metáfora acerca dos opiáceos que serviriam para deixar o povo viciado na alienação, não percebendo o endividamento do Brasil para com as potências estrangeiras a fim de beneficiar apenas uma classe social, mas também funcionava como veículo para mobilizar os trabalhadores de Bagé a apoiar a continuidade da folha.

Camaradas! Devido a grande necessidade que temos de melhorar a ingente dificuldade com que lutamos na impressão do nosso órgão de propaganda libertária "A Dor Humana", resolvemos suspender temporariamente sua circulação para bem assim adquirir os materiais que nos é necessário, e que de há muito viemos trabalhando para aquisição dos mesmos. [...] Como todos os camaradas sabem, "A Dor Humana" é um órgão de defesa dos interesses da base operária que vem batendo-se denodadamente pela liberdade dessa classe vítima da opressão e do vilipêndio imposto pela burguesia capitalista. Eis o que obriga-nos a

lançar um apelo aos camaradas conscientes que amam o seu ideal, para que todos concorram o seu auxílio para realização desse desideratum, que será de grande utilidade para classe operária e para o fim que temos em vista. Avante, companheiros nada de esmorecimento (A DOR HUMANA, 1920, p. 2).

Mais do que os 10 anos entre uma publicação e outra, percebe-se que nesse tempo a própria linguagem da imprensa anarquista de Bagé, na comparação entre esses dois exemplares, parece ter mudado, deixando o lado da busca intelectual e harmônica entre toda a sociedade, para uma voz mais agressiva, direta e com ataques mais enfáticos a setores da sociedade, bem como ao próprio governo brasileiro da época.

Análise do jornal *A Evolução*

Após observar esses dois veículos identificados como jornais da imprensa anarquista bageense, tem-se a análise do periódico mais antigo encontrado no Museu Dom Diogo de Souza e que também versa sobre os ideais anarquistas. A edição que este pesquisador teve acesso é a de número 1, do domingo 2 de fevereiro de 1902. Nele, no cabeçalho, o impresso já destaca sua vinculação às classes Caixeirais e Operárias. O texto de abertura apresenta os interesses do *A Evolução*, reitera seu posicionamento de órgão voltado aos interesses do operariado local e reforça que o nome que encabeça o semanário frisa a importância de se buscar a evolução para enfrentar o cenário de "adormecimento" das classes trabalhadoras brasileiras e gaúchas daquele período. O editorial da folha identifica o jornal como instrumento para apoiar as classes trabalhadores para fundamentar o ideal de sociedade moderna.

Só – vergonha causa confessá-lo – só no Brasil, e particularmente neste Estado, as classes produtoras dormem ainda, embaladas nas ilusões irrealizáveis do passivismo. O caixeiro e o operário, básicos fundamentos das sociedades modernas, são ainda entre nós, parias da fortuna, desprezados por pobres e ignorantes. [...] Falta, porém, às classes oprimidas um porta-voz, que proclame os seus ideais e que deslinde o campo onde travar-se-á a futura batalha; falta-lhes um apoio, e este o nosso jor-

nal vem, modesta, mas desassombradamente, oferecê-lo. A Evolução se põem dedicado as classes caixeiral e operária, apresenta-se como defensor dos humildes e miseráveis: em tudo e por tudo, em qualquer terreno, estaremos nós apoiando aos produtores, aos que morrem trabalhando para os improdutivos que vivem no *far niente*. Esperamos, pois, que as classes dependentes atenderão o chamamento que a sua dedicação fazemos, e que a Evolução, poderá por muito tempo prestar-lhes o auxílio moral de sua defesa (A EVOLUÇÃO, 1902, p. 1).

O desejo utópico de romper com os paradigmas da sociedade estabelecida naquele período também é evocado em texto do colaborador João Ezequiel. O texto projeta que poderá se constituir um novo modelo de sociedade em que não haverá mais chefes nem patrões, mas mestres, técnicos e companheiros. Sem vencidos e nem vencedores nessa luta de classes, Ezequiel reforça que é necessário para que se chegue nesse ideal apoiar todo e qualquer meio contra o organismo social existente, fazendo a ressalva de que essa luta não seja contra os indivíduos que o dirigem. "[...] Estamos, porém, convencidos que não se pode realizar essa transformação radical a não ser pelos meios necessários, pela evolução, enfim, pela completa compreensão de todos os direitos naturais" (A EVOLUÇÃO, 1902, p. 1).² Em que o autor do texto completa que os idealistas do órgão (e do movimento anarquista) não são semeadores de ódios, guerras e infâmias, mas de fraternidade e paz. "[...] *A nossa arma é a ideia, a nossa força é a razão, a fé, o sacrifício, o amor! E assim havemos de vencer!*" (A EVOLUÇÃO, 1902, p. 1).

No entanto, mais do que enfatizar seu posicionamento a fim de conclamar os trabalhadores a mobilizarem-se em torno da causa de libertação operária, o impresso também evidenciava a urgência de os indivíduos conquistarem novos espaços na sociedade. O acesso irrestrito à educação, às artes, a cultura em geral, fundamentariam esse "novo homem". Para sua libertação, tais indivíduos deveriam assumir uma produção própria de bens que o legitimavam como "livres". É nesse sentido que a imprensa operária se torna parte fundamental desse processo de conscientização, visto que

² Citações do texto original do jornal em itálico por escolha deste autor.

os trabalhadores poderiam participar dela, auxiliando em sua produção, seja com textos ou com recursos para garantir a permanência da folha. Espaços como o teatro, as escolas, as associações livres, deveriam ser tomadas pelos trabalhadores, pois nelas não haveria como o Estado interferir. Dessa forma, na edição analisada do *A Evolução*, estão publicadas poesias e crônicas que contêm explícitas, ou de forma subjetiva, os símbolos que evocam aos ideais do movimento anarquista. Um poema denominado "Ante-amanhã" apresenta, em versos, a derradeira luta para a construção da nova sociedade:

[...] Há que deitar ao chão todas as cousas raras
Mosteiros e museus, palácios de marfim,
Igrejas e quartéis e, quando tudo, enfim
Ficar bem nivelado, a dar por nossos ombros,
Edificar então, por cima dos escombros
Uma cidade nova! E assim o mundo feito
Por certo que seria um pouco mais perfeito[...]
(GAYO, 1902, contracapa).

Já o texto de Eugênio Diaz Romero publicado nesta edição do impresso analisava material veiculado pela denominada revista *Vida Moderna*. Nele, Romero reforça a importância de o proletariado ter acesso à educação que poderá proporcionar a todos uma vida melhor. Contudo, isso só será obtido, prega ele, graças a um trabalho que lhe permita cultivar o cérebro "modificando os costumes; praticando o bem e alcançando o amor".

[...] O direito à evolução individual é o mais humano dos direitos. E se pensa que alguns povos da antiguidade, como os gregos, quase o realizaram. Se pensa que o bem-estar é patrimônio da raça de Caim; se pensa que estamos somente a um passo do termo de tão longa jornada, se pensa que o Estado acumula em poucas mãos, o que deveria ser (e será) trigo ao alcance de todos, seria néscio desesperar
(ROMERO, 1902, contracapa).

A edição de *A Evolução* também trazia publicada em seu primeiro número um chamamento escrito por "Yetim", sobre a importância de colaborações e apoio ao Club Caixeiral, ainda existente na cidade de Bagé. Nele, o autor destaca o trabalho dos integrantes nos sete anos de

existência da entidade e de o quão importante é que mais jovens sejam "convidados" para aderirem ao Club Caixeiral.

[...] Reúnam todos os vossos amigos, vinde com eles ao nosso Clube, aqui há lugar para todos. Aqui encontrareis onde exercitar a vossa inteligência, poderei estudar e tornar-vos trabalhadores conscientes, que sabem por que trabalham. E se a infelicidade e o infortúnio vos perseguirem, então a fraternal união dos espíritos demonstrar-se-á e aqui encontrareis braços que vos darão conforto e apoio. Sejam fortes, e se a força só pode ser conseguida pela união, unimo-nos, oh! jovens e audaciosos camaradas! (YETIM, 1902, p. 2).

O enfoque, no caso de *A Evolução*, está no objetivo de difundir ideias libertárias, mobilizar a juventude e os trabalhadores para o emprego de uma maior conscientização perante seu papel na sociedade da época, bem como difundir a necessidade da união em torno dessa causa para que, assim, possam ocorrer as mudanças idealizadas pelo movimento. Diferente de outros veículos de imprensa escrita anarquista ou operária, já analisados por este pesquisador como *A Defesa* e *A Dor Humana*, o impresso *A Evolução*, por ser datado de 1902 ainda não divulga as ações realizadas com grande alcance na capital e interior, como as greves de trabalhadores gaúchos registradas em anos como 1911, 1913 e a greve geral de 1917, nem tampouco o próprio movimento anarquista tinha sua liderança expressiva na entidade da Forgs, visto que os anarquistas passariam a liderar a federação entre 1910 e 1911, tendo os socialistas perdido o espaço de direção da entidade. (CORRÊA, 2008).

Considerações finais

Nesta análise feita acerca da edição do *A Evolução*, percebe-se que há um caráter fortemente educacional, no sentido de fomentar essa nova consciência para o trabalhador, algo que fica evidente com o uso de poemas e crônicas, bem como pequenas notas de mobilização e divulgação da importância da arte e da cultura. Essa ideia de que a educação romperia com uma moral contaminada pelos ideais opressores da Igreja, do Estado e da burguesia, conforme Marques

(2012) era uma estratégia central na pauta de interesses dos anarquistas. Segundo Marques (2012) só a educação “[...] garantiria o êxito da revolução social, já que tinha a função de tornar possível o acesso à consciência revolucionária” (MARQUES, 2012, p. 860).

Ao comparar os textos de *A Evolução*, *A Defesa* e *A Dor Humana*, percebe-se que estas duas últimas folhas, mesmo com direcionamento à educação, com poemas, crônicas e artigos, serão, principalmente no período de 1917-1919, conforme Bartz (2008), testemunhas do acirramento dos protestos e das reivindicações dos trabalhadores gaúchos, tornando-se também porta-vozes dessa radicalização discursiva, possibilitando a criação de mais impressos gaúchos.

Ao observar a produção, por exemplo, dos jornais *A Defesa* e *A Dor Humana*, com o seu antecessor, *A Evolução*, percebe-se que neste recorte temporal de quase 20 anos, cresceu o desejo a uma mudança na sociedade gaúcha que não contemplava a igualdade de direitos à mão de obra assalariada. E isso pode ser comprovado metodologicamente ao utilizar-se da psicologia social que estuda a construção de representações sociais. Assim, pode-se identificar nestes impressos, a abordagem que Moscovici (1976) conceitua para a produção de representações sociais. São atos discursivo cometidos pelos impressos como uma forma de interpretar e também dar forma a um “real” para quem recebe tal informação. Assim, essas representações sociais produzidas a partir do discurso de um impresso como a *A Evolução* transmitem saberes e valores, numa tentativa de traduzir aquele contexto social em que o operariado bageense (e universal) vivia: o de ter seus direitos constantemente oprimidos por núcleos identificados como opressores. Mas, acima de tudo, não só as representações sociais serviriam para identificá-lo como indivíduo agente naquele contexto, mas também o preparavam para uma ação a partir dessa consciência, pois a cada texto divulgado há a intenção de por meio de um processo comunicacional, mas justificado como educacional, também alterar o comportamento deste trabalhador na sociedade em que vive.

Dessa forma, estudar no campo da História, as motivações, os atos e resultados obtidos em medidas e ações como a de trabalhadores engajados com um ideal, o de unirem-se por meio de uma folha, lutando contra censuras e, todo tipo de contratempo para custear tal produto, para expressar seu descontentamento com o modo de vida e de trabalho de um regime e clamarem por um novo modelo de sociedade, é deveras atrativo para quem busca acompanhar a história social, a de movimentos políticos e a própria atuação da imprensa brasileira.

Referências

A DEFESA. Bagé, n. 9, 13 out. 1910. Impresso publicado em 13 de outubro de 1910. Disponível no acervo do Museu Dom Diogo de Souza, da Fundação Attila Taborda, Universidade da Região da Campanha – Urcamp, Bagé.

A DOR HUMANA. Bagé, 28 set. 1920. Impresso publicado em 28 de setembro de 1920. Disponível no acervo do Museu Dom Diogo de Souza, da Fundação Attila Taborda, Universidade da Região da Campanha – Urcamp, Bagé.

A EVOLUÇÃO. Bagé, 2 fev. 1902. Impresso publicado em 2 de fevereiro de 1902. Disponível no acervo do Museu Dom Diogo de Souza, da Fundação Attila Taborda, Universidade da Região da Campanha – Urcamp, Bagé.

BATALHA, Claudio. Vida associativa: por uma nova abordagem da história institucional nos estudos do movimento operário. *Anos 90*, Porto Alegre, RS, v. 5, n. 8, p. 91-99, dez. 1997.

BARTZ, Frederico Duarte. Solidariedade impressa (1917-1920). O jornalismo operário como forma de ligação entre o movimento operário gaúcho e os trabalhadores organizados do centro do país no período das grandes greves. *In: Encontro Estadual de História da Associação Nacional de História (Anpuh)*, 4., 2008, Porto Alegre. *Anais [...]*. Porto Alegre: Anpuh, 2008. Disponível em: http://eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212413760_ARQUIVO_textoanpuhrs.pdf. Acesso em: 15 fev. 2019.

BRIGNOL, Rafael; SILVA, Marcelo Pimenta e. A imprensa anarquista e a sua relação com as minorias políticas na cidade de Bagé. *Revista de Artes e Humanidades Contemporâneas*, Santo André, n. 8, maio/out. 2011.

BRIGNOL, Rafael; SILVA, Marcelo Pimenta e. Imprensa anarquista de Bagé: produção de subjetividade nos jornais “A Emancipação” e “A Dor Humana”. *In: Encontro do Núcleo Gaúcho de História da Mídia*, 4, 2012, São Borja. *Anais [...]*. São Borja: GPHM, 2012. v. 1, n. 1.

CARDOSO, André. Jornalismo sindical e anarquismo: as origens do movimento operário no Brasil. In: *BETA Redação*. São Leopoldo, 22 jun. 2019. Disponível em: <https://medium.com/betaredacao/jornalismo-sindical-e-anarquismo-as-origens-do-movimento-oper%C3%A1rio-no-brasil-3dc65024adfb>. Acesso em: 27 out. 2021.

CORRÊA, Anderson Romário Pereira. José Fredolino Prunes (1873-1957): A incorporação do proletariado na sociedade. In: BAKOS, Margaret Marchiori (org.). *Escritas Íntimas, Tempo e Lugares de Memória*. A documentação pessoal como fonte para a história. 1 ed. Porto Alegre, 2008.

CORRÊA, Anderson Romário Pereira. Sindicalismo revolucionário e Anarco-sindicalismo: um estudo dos congressos operários no Rio Grande do Sul (1898-1928). *Estudios Históricos*, Uruguay, año VIII, n. 17, dic. 2016. Disponível em: <http://www.estudioshistoricos.org/17/eh1712.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2019.

CORRÊA, Felipe. *Ideologia e Estratégia: anarquismo, movimentos sociais e poder popular*. Editora Faisca. São Paulo, 2011.

JANOTTI, Maria de Lourdes. O livro Fontes Históricas como fonte. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Livro Fontes Históricas*. 3 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

JOVCHELOVITCH, Sandra. *Representações sociais e esfera pública*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

LONER, Ana Beatriz. *O movimento operário na República Velha (1889-1930)*. Passo Fundo: Editora Méritos, 2007. v. 3 (História Geral do Rio Grande do Sul).

LONER, Ana Beatriz. O IV Congresso Operário Gaúcho e o ocaso do movimento Anarquista no Rio Grande do Sul. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, v. 7, n.2, p. 176-203, dez. 2011. Disponível em: <http://amigosdalsoc.blogspot.com.br/2014/11/a-carta-de-amiens-um-marco-do.html>. Acesso em: 28 out. 2021.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Livro Fontes Históricas*. 3 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MARQUES, Carlos. A imprensa libertária: jornalismo operário e resistência anarquista na primeira década do século XX. *Revista Antíteses*, Londrina, v. 5, n. 10, jul./dez. 2012.

MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2003.

PESAVENTO, Sandra. *O trabalhador e os pobres no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1998.

RÜDDIGER, Francisco. *Tendências do jornalismo*. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

TOLEDO, Edilene. *Anarquismo e sindicalismo revolucionário*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCHMIDT, Benito Bisso. *O patriarca e o tribuno: caminhos, encruzilhadas, viagens e pontes de dois líderes socialistas – Francisco Xavier da Costa (187? – 1934) e Carlos Cavaco (1878-1961)*. 2002. Tese (Doutorado

em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

Marcelo Pimenta e Silva

Pós-graduado em Comunicação Mercadológica pela Faculdade de Tecnologia do Senac, em Pelotas, RS, Brasil. Graduando em Licenciatura em História pelo Centro Universitário internacional (Uninter), em Bagé, RS. Jornalista.

Endereço para correspondência

Marcelo Pimenta e Silva

Centro Universitário Internacional (Uninter)

Rua Bento Gonçalves, 120

Centro, 96400-200

Bagé, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do autor antes da publicação.